



PAPERS 4

Sonho, real, verdade

(Português)

Comitê de Ação da Escola Una 2018-2020

Lucíola Macêdo (EBP)

Valeria Sommer-Dupont (ECF)

Laura Canedo (ELP)

Manuel Zlotnik (EOL)

María Cristina Aguirre (NLS)

Paola Bolgiani (SLP)

Coordenadora: Clara María Holguín
(NEL)

Equipe de tradução

Coordenadora: Valeria Sommer-Dupont

Responsáveis Tradução:

Silvana Belmudes

Responsáveis Revisão da tradução: Melina
Cothros

Tradução: Andrea Vilanova, Marcia Zucchi,
Teresinha N. M. Prado, Andrea Orabona
Glacy Gonzales Gorski, Márcia Mezêncio
Bruna Meller, Ana de Melo

Revisão : Marcia Zucchi, Maria Rita

Guimarães, Paula Galhardo

Bruna Meller, Teresinha N. Meirelles do Prado

Glacy Gonzales Gorski, Andrea Orabona

Marcia Zucchi, Ângela Bernardes

Edição - Realização gráfica

Secretaria: Eugenia Serrano / Colaboradores:

Daniela Teggi - M. Eugenia Cora

SUMÁRIO

EDITORIAL, Valeria SOMMER-DUPONT.	03
1-Heloísa Prado RODRIGUES DA SILVA TELLES – EBP / Sonho, verdade e real: o que se impõe, o que se revela.	07
2-Marcela ANTELO – AME / Sonho testemunho sigiloso.	12
3-Blanca SÁNCHEZ- EOL / O que o sonho tem de Witz.	14
4-María Cristina GIRALDO – NEL / Un final aberto .	18
5-Araceli FUENTES – ELP / Vaivém.	21
6-Silvia MORRONE –SLP / Sonho, verdade e real.	25
7-Luc VANDER VENNET - NLS / Cadeia e série de sonhos.	29
8-Laurent DUPONT -ECF / Da decifração à letra, o caminho do sonho na análise.	32
9-Clotilde LEGUIL -AE / O sonho de fim, via de acesso ao real.	37

Editorial

Valeria SOMMER-DUPONT

Diga-me qual é a sua teoria dos sonhos e eu lhe direi que uso você faz dela em análise. Esta frase veio a mim após a leitura dos textos reunidos nesta quarta edição dos Papers, a qual explora a articulação entre sonho, real e verdade. Uma coisa é conceber o sonho como uma unidade semântica, outra é tratá-lo como uma unidade a-semântica, na sua irrupção, retomando aqui uma referência de J.-A. Miller¹ que Araceli Fuentes (ELP) nos traz em seu texto presente neste número. Essa diferença tem consequências sobre a escuta do analista, sobre seu ato; repercute sobre sua posição desde o início, desde a primeira vez que se põe a escutar o primeiro sonho contado durante uma sessão. O que ouvimos no relato de um sonho? Parece que não é a mesma coisa considerá-lo como a formação do inconsciente dirigida ao analista, quer dizer, sob transferência, ou defini-lo como "pesadelo temperado"², onde nenhuma verdade esperaria ser decifrada. Os textos de Blanca Sanchez (EOL), Maria Cristina Giraldo (NEL) e Silvia Morrone (SLP) nos ensinam, particularmente, sobre esse ponto.

Mas o próprio da teoria psicanalítica é que ela não é uma simples metapsicologia, um sonho coletivo. A posição do analista não é apenas uma escolha teórica, é uma escolha atrelada ao desejo do analista: usina do desejo de análise, diz Marcela Antelo (AME da EBP); ela se articula ao mais singular do ser falante. "O uso do sonho, na sessão analítica, será determinado pelo seu ato", destaca Heloísa Prado Rodrigues da Silva Telles (EBP), lembrando-nos do que em

¹ Cf. Miller J.-A., « L'interprétation à l'envers », *La Cause freudienne*, nº 32, février 1996, p. 13.

² Lacan J., "[...] todo sonho, é um pesadelo, ainda que seja um pesadelo moderado", *O Seminário*, livro 23, *O sinthoma*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2007, p. 121.

nosso campo tem função de despertar: "Trata-se, ainda, do desejo do analista enquanto aquele que pode fazer existir o inconsciente".

Diga-me em que ponto da sua análise você está e eu lhe direi qual uso do sonho você faz no tratamento? Esta é a segunda pergunta que surgiu para mim ao ler esses textos, que interpreta a primeira e a desperta do dogma ao qual ela poderia sucumbir. Vocês encontrarão neste Paper uma **série** de contribuições que, uma a uma, tratam dessa **coisa** que **Luc Vander Vennet** (NLS) sintetiza com esta frase de J.-A. Miller: "um inconsciente analisado faz com que se sonhe de outro modo"³. **L. Vander Vennet** propõe a distinção entre *cadeia* e *série* para *logificar* esse "de outro modo": no final da análise "[...] não paramos de sonhar, mas podemos fazer outro uso do sonho". Inscreve-se nesta série, **Laurent Dupont (ECF)**, que lê diferentes testemunhos de AE, identificando a forma que essa **coisa** assume em cada um: "O sonho muda de estatuto de acordo com o sonhador »; "A operação do analista abre em um para além do sentido. Em função do momento da análise no qual se encontra o sonhador"; também, **S. Marrone**, que indica "uma nova relação com o inconsciente"; **B. Sanchez** observa que "uma mudança na posição do sonhador faz com que se interrogue o sonho de outro modo" e, finalmente, **Clotilde Leguil** (AE, ECF), que nos ensina, com seu testemunho, de que maneira isso se articula na sua própria análise: "[...] o "eu" do fim não era mais aquele do desejo". O esforço de redução que C. Leguil opera para transmitir esse ponto abre para novas questões.

No ponto onde se está na análise e a teoria que se tem impactam **o uso que se faz** do sonho, tanto como analista, tanto como sonhador.

Abordar o sonho como outra coisa que uma mensagem a ser decifrada, outra coisa que uma verdade a ser revelada, estabelece

³Miller J.-A., "[...] um inconsciente analisado se distingue, por assim dizer, de um inconsciente selvagem, de que um inconsciente analisado tem propriedades singulares, de que um inconsciente *mais* sua elucidação fazem com que sonhemos de outra forma, fazem com que não sejamos submetidos aos atos falhos e aos lapsos de todo mundo. Claro, isso não anula o inconsciente, mas faz com que suas irrupções se distingam », *Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos de Lacan. Entre desejo e gozo*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2011, p. 36.

um limite inaugural, **um limite, em teoria, presente**, desde a primeira sessão. Convidar um analisando para associar sobre um sonho é uma maneira de recorrer ao sentido para resolver o que, antes desse convite, seria opaco. Ao fazer isso, o analista opera a passagem do inconsciente real para o inconsciente transferencial; convida o analisando a dizer a verdade, ou seja, a *mensonger*⁴, a mentir-sonhar. Ora, se todas essas *hystórias*⁵ nunca acabarão com a opacidade própria ao real, não se trata de escolher entre verdade e real. Não há análise sem *hystorização*⁶ do ser falante. Sobre esta questão, a contribuição de **A. Fuentes** nos orienta: revisitando a frase de Lacan, "O que discurso analítico desloca põe a verdade no seu lugar, mas não a abala. Ela é reduzida, mas indispensável"⁷; ela nos propõe os conceitos de *diacronia* e *sincronia* como referências lógicas. Na diacronia, o real se encontra no final do processo como ponto de basta para a verdade mentirosa; na sincronia, real e verdade estão amarrados.

O analista seria, então, o guardião do umbigo do sonho? Tudo pode se sentar aí (*er sitzt ihm auf*⁸), neste umbigo⁹, nesta zona, mas nada deve aí permanecer. *Lhé rsi de lom qui rev* (o relato do homem que sonha) é resultado da construção de uma série a partir daquilo que veio, de maneira contingente, alojar-se neste espaço, sobre este limiar. Isso pode *saver-se*¹⁰ quando, a partir do uso que fazemos do sonho, conseguimos cingir a lacuna entre a verdade e o real. O texto de **L. Dupont** esclarece esse ponto.

Contudo, que **a teoria esteja ali**, não quer dizer **que ali se esteja**: "uma prática não precisa ser esclarecida para operar". Se os

⁴Neologismo feito a partir das palavras mentira (*mensonge*) e sonhar (*songer*), em francês.

⁵*Hystoires*, no texto original: jogo de palavras entre história (*histoire*) e histeria (*hystérie*).

⁶*Hystorisation*, no original. Cf. nota anterior.

⁷ Lacan J., *O Seminário*, livro 20, *Mais, Ainda*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2008, p. 116.

⁸Nota da autora : "Eu me baseio no que Marcel Ritter desenvolve em *Lettres de l'E.F.P.*, n° 18, abril 1976, p. 19.

⁹ Cf. Lacan J., « L'ombilic du rêve est un trou », *La Cause du Désir*, n° 102, juin 2019, p. 36-37.

¹⁰*Ça-voir*: jogo de palavras entre saber (*savoir*) e isso-ver (*ça-voir*).

PAPERS 4 / Editorial

testemunhos dos AE nos mostram claramente esse ponto (como vemos no texto de **C. Leguil** e também dos demais autores deste Papers), é nossa responsabilidade *permanecer vigilantes e cuidar* para não suturar o umbigo do sonho. *Vigília* necessária para que o analisante não se torne um sonho do seu analista: "É o despertar do psicanalista. É alertá-lo para o fato de que a operação analítica é tecida de semblantes."¹¹

Boa leitura.

Tradução: Bruna Meller.

Revisão: Marcia Zucchi

¹¹ Miller J.-A., « La passe du parlêtre », *La Cause freudienne*, n°74, avril 2010, p. 120.

Sonho, verdade e real: o que se impõe, o que se revela

Heloisa Prado RODRIGUES DA SILVA TELLES- EBP

O sonho, tal como o título do XII Congresso evoca, deve ser especialmente considerado, no nosso campo, a partir dos usos que se faz dele na prática analítica. Assim, é o analista que se encontra em perspectiva, uma vez que o uso do sonho, na sessão analítica, será determinado por seu ato – trata-se, ainda, do desejo do analista enquanto aquele que pode fazer existir o inconsciente¹.

Para abordar *verdade* e *real* referidos ao sonho e, portanto, ao inconsciente – considerando-se, inclusive, a impossibilidade de realizar um percurso extensivo e talvez mais rigoroso em torno destes conceitos – tomaremos como baliza a *interpretação analítica*. Interessará localizar como o sonho, ao portar intrinsecamente uma opacidade e estar enlaçado com a pulsão e o corpo, elucida e participa da formalização de uma nova articulação verdade-real.

O real do inconsciente é sua interrupção²

O inconsciente como descontinuidade, interrupção, instantaneidade, surpresa³ é um marco da reviravolta lacaniana em relação à noção de inconsciente como um texto a decifrar. O tempo de duração da sessão analítica é consoante com esta concepção, pois é a “estrutura de interrupção que rege o discurso do inconsciente”⁴ – o que fundamenta a proposição do corte, cujos efeitos conformam a própria

¹ Cf. Lacan, J., “Posição do inconsciente”, *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, Coleção Campo Freudiano no Brasil, 1998, p. 848.

² Cottet, S., “La séance vue d’aillueurs”, *La Cause Freudienne*, Paris, École de la Cause freudienne, n. 56, 2004, p. 119.

³ Cf. Lacan, J., *O Seminário, livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*, texto estabelecido por Jacques-Alain Miller, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.

⁴ Cottet, S., *op. cit.* p. 119.

PAPERS 4 / Sonho, verdade e real: o que se impõe, o que se revela

sessão analítica em sua articulação com a temporalidade do inconsciente.

Éric Laurent⁵, ao debruçar-se sobre o tema da interpretação desde o início do ensino de Lacan, situa o laço existente entre a interpretação e o “*não importa o que*” (expressão isolada por Lacan do mestre Zen) para elucidar como a interpretação é pensada, neste momento, como aquela que, ao visar o objeto, dá lugar à realização subjetiva de um vazio⁶; “*um não importa o que visando o vazio da ausência primeira do objeto perdido*”⁷. Esta referência indica que a interpretação, estando além da fala ou da enunciação, “é o que permite, no horizonte da análise, distinguir qualquer coisa em sua singularidade”. Sendo heterogênea, ou seja, composta de elementos de naturezas distintas, “a interpretação não se centra somente sobre a fala ou o enunciado. Apesar da variedade de seu suporte, ela deve ser guiada pela busca de um *efeito de verdade* concebida como ruptura” – assim, este “*não importa o que*” não é qualquer um, ele encontra-se referido à própria intervenção do analista, àquela que visa “produzir efeito de ruptura de uma verdade, que não é nem simples *adequatio*, nem produção de um sentido qualquer”⁸.

Pois bem, esta referência nos permite avançar: a verdade não resulta como efeito da intervenção do analista, como a produção de um *sentido a mais*; a verdade é o que irrompe e se rompe, sob transferência, ao se consentir com o inconsciente. Tratar-se-ia mais propriamente do que encontramos no Seminário XIV⁹: “em última instância, a verdade é o que deve ser buscado nas falhas do enunciado”, ou seja, naquilo que a estrutura do inconsciente produz. O discurso do inconsciente, continua Lacan, tem uma verdade que

⁵ Laurent, É., “L’interprétation: de la vérité à l’événement”. Texte d’orientation Le Congrès 2020 de la NLS: *L’interprétation: de la vérité à l’événement*. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1y9eJcp8aRHhs3-POPTUc2tVv3pPBvC7r/view>

⁶ Laurent, E., *ibid.* p. 3.

⁷ Laurent, E., *ibid.* p. 5.

⁸ Laurent, É., *ibid.* p. 3.

⁹ Lacan, J., «O Seminário, livro 14, A lógica da fantasia (1966-1967)”. Aula de 21 de junho de 1967, inédito. Esta aula é mencionada por Éric Laurent em várias passagens do seu texto acima referido, o que nos permitiu localizar as citações aqui utilizadas.

“pode dizer sim e não ao mesmo tempo, já que – seguindo Freud – não está submetido ao princípio da contradição, e que se dizendo, fazendo-se, como um discurso raro, introduz uma verdade” – aquela imposta pela estrutura.

Verdade tomada em tal dimensão que ao ser radicalmente eliminada faz com que “toda interpretação não seja outra coisa que sugestão”¹⁰. Ao analista cabe sustentar esta verdade referida ao inconsciente, e este seu ato difere-se radicalmente da crença em um “dizer verdadeiro”, da crença de que o enunciado, ou o relato de um sonho, pode se tornar decididamente verdadeiro¹¹ - a expansão do tempo da sessão analítica apareceria com um recurso para este fim.

O sonho: intérprete de um real

Os limites da interpretação conduziram Freud a isolar o ponto onde o sonho é insondável, sua opacidade, mas ele também não recuou em destacar, tal como Lacan menciona, que “os sonhos podem ser mentiras”. Há uma dimensão do sonho que deve ser preservada - “o inconsciente preserva uma verdade e, se o forçamos, o empurramos, pode se colocar a mentir com os meios que ele dispõe”¹².

Esta opacidade, nomeada como *umbigo do sonho*, será elucidada por Lacan como um furo, como um limite da análise. Saindo do escopo do limite de acesso a um real via palavra, Lacan ligará o umbigo do sonho ao traumático inerente a todo *parlêtre*, aquele que habita a linguagem - traumatismo do qual conservamos uma marca: “uma cicatriz no corpo que faz nó”¹³. Desta “incidência da língua sobre o ser falante, e precisamente a incidência da língua sobre o corpo”¹⁴, Lacan isola o núcleo do acontecimento traumático e tal formulação

¹⁰ Lacan, J., *ibid.*. Aula de 21 de junho de 1967.

¹¹ Cottet, S., *op. cit.* p. 121.

¹² Lacan, J., «O Seminário, livro 14, A lógica da fantasia (1966-1967)”. Aula de 21 de junho de 1967, *Inédito op. cit.*

¹³ Lacan, J., “L’ombilic du rêve est un trou” – Jacques Lacan répond à une question de Marcel Ritter, *La Cause du Désir*, Paris, Navarin Editeur, 2019, p. 37.

¹⁴ Miller, J.-A., “Biologia lacaniana e acontecimento de corpo”, *Opção lacaniana, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*. São Paulo: Eolia, n. 41, dezembro de 2004, p. 53.

repercutirá na concepção da interpretação analítica uma vez que, nas “relações do corpo e do significante”, há um segunda estrutura chamada por Jacques-Alain Miller de “corporização” – “o significante entrando no corpo” - que seria o “avesso da significantização”¹⁵.

O caráter evanescente do sonho, diferentemente da fixidez do sintoma, não impede que seu enlaçamento com o corpo e a pulsão seja assim evidenciado. Na proposição de Lacan acerca de uma dimensão corporal atribuída ao umbigo do sonho, há uma analogia entre o nó e o orifício graças ao fato de que se trata de “um orifício que é fechado”¹⁶ e “se este orifício corporal dá lugar, por analogia, a um nó, é por deslocamento que esse nó pode ser assinalado ao campo da fala como qualquer coisa impossível de ser reconhecida”¹⁷.

Marie-Hélène Brousse¹⁸, ao propor que “o sonho interpreta, e isto é o umbigo do sonho”, elucida, de maneira inédita, que há uma equivalência entre sonho e interpretação - justamente, aquilo que se apresenta como fora de sentido, no sonho, é sua interpretação. Ela nos diz: o sonho “interpreta o traumatismo inaugural, aquele do momento em que o sujeito e o objeto coincidiram, em sua diferença abolida”, e se o sonho repercute este traumatismo é graças ao umbigo como “um furo no saber, furo que ressoa e produz ondas”¹⁹.

O sonho se articularia ao real enquanto *intérprete* deste impossível a reconhecer²⁰ intrínseco ao campo da fala, na sua condição – porque

¹⁵ Miller, J.-A., “Biologia lacaniana e acontecimento de corpo”, p. 65.

¹⁶ Lacan, J., “L’ombilic du rêve est un trou” – Jacques Lacan répond à une question de Marcel Ritter. *op. cit.* p. 39.

¹⁷ Mandil, R., “Sonho e inconsciente real”. Texto de Orientação XII Congresso da AMP. Disponível em: <https://congressoamp2020.com/pt/articulos.php?sec=el-tema&sub=textos-de-orientacion&file=el-tema/textos-de-orientacion/sueno-e-inconsciente-real.html>

¹⁸ Brousse, M.- H., «O artifício, avesso da ficção. O que há de novo no sonho 120 anos depois?”. Texto apresentado na *Soirée* da Associação Mundial de Psicanálise, Paris: ECF, 28 de janeiro de 2019. Disponível em: https://congressoamp2020.com/pt/articulos.php?sec=el-tema&sub=textos-de-orientacion&file=el-tema/textos-de-orientacion/19-09-11_el-artificio-reverso-de-la-ficcion.html.

¹⁹ Brousse, M.-H., *op. cit.*

²⁰ Lacan, J., “L’ombilic du rêve est un trou” – Jacques Lacan répond à une question de Marcel Ritter. *op.cit.* p. 37.

PAPERS 4 / Sonho, verdade e real: o que se impõe, o que se revela

não é uma “ficção sem corpo”²¹ - de ser produto de um sonhador, um *parlêtre*. O uso do sonho na prática lacaniana decorre, portanto, de uma escuta que possa, além do sentido, admitir esta condição, inerente ao próprio sonho, de intérprete de *um* real, próprio a cada *parlêtre*.

²¹ Cf. Valéria Sommer Dupont. In: “Propuesta pregunta-argumento Papers AMP”. Comitê de Ação da Escola Una, Inédito.

Sonho testemunho sigiloso

Marcela ANTELO - AME

São os sonhos os que me usam e me abusam. Sigilosamente, como seu irmão o sono, tomam conta do nosso corpo. O indiscreto bocejo, por exemplo, diz sem rodeios nem verbo, a que veio. Imperativo manter o bocejo em sigilo. Ele pode emprestar-se a equívocos e acusar o tédio do bocejante, a imperiosa necessidade de entregar-se à Outra cena. Já alguns sonhos sigilosamente se abrem passo à tela dos meus sonhos. Sonho com sonhos.

Poucos ousam como Freud testemunhar sobre o céu aberto da tela dos seus sonhos. Os sonhos dos outros, quando se fazem um lugar na memória do analista, o condenam ao sigilo. O objeto em jogo no sonho memorável costuma ser “pouco católico” como escrevera Serge Cottet¹. Um sonho memorável para o analista nem sempre o é para o analisante.

Pareceu-me curioso que na etimologia da palavra sigilo encontremos a palavra selo, marca, cunha. Sigilo é tanto o segredo como o silêncio que o envolve.

Quando o destino de um sonho é a memória, ele se constitui em selo do sonhador. Sabemos que o destino mais ordinário de um sonho é seu esquecimento. Por mais intensamente que tenham sido vividos uma asa de pássaro fugaz os apaga, sem deixar rasto, ou deixando um desmonte de peças soltas, outras uma única palavra.²

Quando discute o valor objetivo da experiência -pensemos no uso que nos convoca - Lacan conta que há matemáticos que confessam haver

¹ Cottet, S., “Prefácio”. IN: *Sueños y despertares. Una elucidación psicoanalítica*. Koretzky, C., Buenos Aires, Grama Ediciones, 2019, p.12.

² Lacan J., “Introdução ao comentário de Jean Hyppolite”. IN: *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1998, pp.379-380.

PAPERS 4 / Sonho testemunho sigiloso

visto a verdade em sonhos.³ Já entre nós o que pode aparecer é a ponta transferencial, fragmento partido, um vestígio.

Na vida pública nos imputam uma apetência pelos sonhos. Sonhadores com experiências enigmáticas podem nos assaltar em qualquer esquina. Podemos, sigilosos, nos refugiar no recurso do gato de Cheshire, e assim como um sorriso sem gato nos transformarmos em uma orelha sem analista. Flutuantes, evasivos como os sonhos, mas não sem selo.

Sigilo é um diminutivo de signo. O signo, a marca, a cunha que sustenta nosso interesse ou melhor dizendo, o signo, o algo de alguém que nos relata um sonho e que atinge em cheio nossa escuta flutuante costuma acontecer entre as quatro paredes da nossa intimidade compartilhada. Nesse campo colhemos e semeamos, cotidianamente. Os sonhos que alcançam a memória aí se desgranam, secundariamente se elaboram, como dizia Freud. Em sua retórica, escreveu Lacan⁴.

Alguns se fazem presentes pela sua ausência de vestígios. Os testemunhos da experiência do sonhador apontam com frequência ao limite do discurso. Curiosamente, os testemunhos de sonhos sem vestígios ensinam que não caem no esquecimento. Algumas vezes nos incluem e por essa mesma razão talvez nada deles sobra. Costumam me deixar à espreita de algum retorno. Usina do desejo de analista.

³ Lacan J., "Para-além do 'Princípio de realidade'". IN: *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1998, p. 89.

⁴ Lacan, J., "Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise". IN: *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1998, p.269.

O que o sonho tem de witz

Blanca SÁNCHEZ - EOL

À luz do último ensino de Lacan, a substância gozante vai além dessa unidade de gozo concentrada no objeto *a*, e a verdade que se poderia obter tanto da interpretação do sonho como da travessia da fantasia, torna-se uma verdade mentirosa a respeito do gozo. É o *sinthome*, substância gozante, um gozo resistente à linguagem que não se deixa significar, mas ao qual somente se pode aceder recorrendo ao sentido para ao mesmo tempo esgotá-lo, o que marcará o rumo da análise. Por essa perspectiva, ao final da análise, assistimos à semblantização do sentido graças à qual o *parlêtre* deixa de estar atormentado pela verdade, o que modifica sua posição em relação ao inconsciente. O inconsciente, já não como verdade a ser revelada, nem sequer como saber articulado, reduz-se assim a um-equívoco, na transliteração entre *Unbewusst* e *l'une bévue*.¹ Nesse nível, então, o inconsciente é responsável por todos esses equívocos – *bévues* – que nos fazem sonhar em nome do objeto *a* ², com um gozo capturado nas redes do sentido tecidas com o fio da fantasia.

Desse modo, o inconsciente parte do significante de *lalíngua* como equívoco, *bévue*. É interessante notar que o termo *bévue* acentua o ver (*vue*), pois está forjado a partir do prefixo latino *bis* e remetia, inicialmente, a um erro devido à vista, o que nos permite articulá-lo ao sonho e sua “colocação em imagens visuais” nas palavras de Freud. Depois, foi derivando a um erro devido à ignorância e, mais tarde, aos fracassos por falta de atenção. Lacan se serve do termo para localizar um misto entre o equívoco simbólico, o *bis* que se repete, e a estesia do corpo, o Um e o gozo. ³

¹ Lacan, J., *O seminário*, livro XXIV, *L'insu que sait de l'une bévue s'aïlle à mourre*. Lição de 10 de maio de 1977. Inédito.

² *Ibid.*

³ Laurent, É., “O gozo do corpo sustenta o sintoma”. In: *O avesso da biopolítica*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016, p. 67.

PAPERS 4 / O que o sonho tem de Witz

Mas, parafraseando Lacan, o que se torna o sonho – uma vez atravessada a fantasia –, quando o Outro, como *parternaire* do gozo, se desvanece e só fica o funcionamento do *sinthoma* como modo de gozo do Um?

“Um sonho constitui um-equívoco (*bévue*), tal como um ato falho ou um chiste, exceto que se se reconhece no chiste porque ele se sustenta no que chamei de *lalíngua*. O interesse do chiste para o inconsciente está ligado à aquisição de *lalíngua*.”⁴ Essa relação com a “aquisição de *lalíngua*”, remete ao que Freud denomina o “prazer do disparate” próprio da época em que a criança está no momento da aquisição da língua materna, pois lhe dá um manifesto contentamento “experimental jogando” com esse material e encadear as palavras sem **se** ater à condição do sentido, a fim de alcançar, com elas, o efeito prazeroso do ritmo e da rima, contentamento que vai sendo proibido até que só se permitem as conexões entre palavras providas de sentido.⁵ É a linguagem como uma elucubração de saber sobre *lalíngua*. O “incansável buscador de prazer”, através dos chistes inocentes, obtém “das palavras um prazer dessa espécie – coisa permitida no estágio do jogo”.⁶

Mas, diferentemente do chiste – no qual o Outro é indispensável para que o sancione como tal – aqui se trata é do puro gozo na manipulação do material de *lalíngua*, isto é, privilegiar nela o valor de uso antes que o valor de troca que se põe em jogo quando aparece o endereçamento ao Outro. Isso se apresenta em alguns sonhos de final de análise quando a posição do sonhador permite constatar que já não se está sedento de sentido, mas que a interpretação do inconsciente se detém na escrita de uma cifra que, fora de sentido, não faz mais que dar nome ao que não se pode nomear. Tal como no sonho de Ram Mandil, no qual desaparece uma parte da Torah e em seu lugar surgem as três letras “A...V...D”, como “o nome que dei ao

⁴ *Ibid.*, lição de 16 de novembro de 1976.

⁵ Freud, S., Os chistes e sua relação com o inconsciente. (1905) In: _____. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 8. Rio de Janeiro: Imago, 1988. p. 125.

⁶ *Ibid.*, p.159.

real do sonho a partir de sua materialidade sonora”⁷, o que se poderia assemelhar ao neologismo do chiste.

Outro traço a sublinhar é sua relação com o gozo do corpo, pois o trauma de *lalíngua* deixa sua marca, e como diz Freud, como “percepções sensoriais, principalmente de algo visto e ouvido” cuja fonte está nas pulsões.⁸

Do dormir no sentido ao eco de *lalíngua*

Tomarei um sonho do final de análise de Oscar Ventura: “A cena acontece nas alturas, nas bordas da grade de um balcão. Uma figura sem forma salta por cima de mim e se precipita ao vazio. O impacto produz um ruído seco, fulminante e fugaz. Depois o silêncio. Precipito-me angustiado pelas escadas. No entanto, essa angústia não precipita o despertar, ela habita dentro do sonho e me acompanha até o lugar da queda. Invade-me a curiosidade de saber quem havia se jogado, o que tinha caído. Um círculo de pessoas está ao redor de algo que não posso ver, irremediavelmente velado e umas poucas palavras conduzem o sonho à sua conclusão. ‘Quem é?’, pergunto. Uma voz anônima me responde: ‘É sueco’”. Ao despertar, já sem angústia, Ventura decompõe o significante sueco em *su-eco*, momento em que uma gargalhada toma o corpo, o que associa com alguns momentos de sua infância nos quais uma palavra estranha, sem significação alguma, provocava um ataque de riso, “desses que não se pode deter e que deixam o corpo leve, preparado para a contingência da vida”.⁹

Essa separação nomeia a separação dos significantes do Outro, pois a partição que se produz graças ao equívoco os desintegra, “pequena fórmula minúscula de atomização de *lalíngua*”¹⁰, que se poderia chamar à produção de um novo sentido, verifica-se em seu caso que

⁷ Mandil, R. “Conjunto Vazio”. *Opção Lacaniana*, v.66, 2013, p.78.

⁸ Freud, S., Moisés e o monoteísmo. (1939) In: _____. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 23. Rio de Janeiro: Imago, 1988. p. 93.

⁹ Ventura, O., “Variedades de la incerteza”. Noches de la Escuela “Enseñanzas del passe”, 13 de agosto de 2019, EOL, Buenos Aires. Inédito.

¹⁰ *Ibid*

PAPERS 4 / O que o sonho tem de Witz

há algo do corpo que o rechaça, testemunhando não somente o abandono de sua busca, como também o fato de que o impacto de *lalíngua* sobre o corpo produz a vivificação.

Assim como o sonho tem efeito somente para o sonhador, nessa manipulação de *lalíngua* e de seus equívocos, não se trata de provocar o riso e a complacência do Outro, senão que se trata de chistes que, como dizia um humorista argentino, é uma “lástima que não se pode compartilhar”, pois trata-se de um gozo que radica na própria manipulação.

Em nenhum caso, há despertar da enfermidade mental que é o inconsciente. Passa-se o tempo sonhando, desperto no sonho diurno que é nossa fantasia, ou no sonho que, mais que guardião do sono, “protege o sonho de cada um”¹¹ ao qual se pode aceder através do sintoma. No entanto, no *esp du laps*, outro mais além se faz presente no sonho, na manipulação que se pode fazer do ronronar de *lalíngua* a partir da face Witz que adquire o sonho para quem, por um momento, contingentemente, havendo mudado de posição frente ao inconsciente, resista a dormir no sentido e, assim, gozar de seu sintoma.

Tradução: Márcia Mezêncio

Revisão: Glacy Gonzales Gorski

¹¹ Miller, J.-A., “Un sueño de Lacan”. *Lacanianana*, v. 15, EOL, Buenos Aires, 2013, p.11.

Un final aberto

María Cristina GIRALDO - NEL

Un final aberto ao incurável, ao impossível e ao imprevisto está na perspectiva do *sinthome*, do Um do gozo que itera e da forma singular e incomparável de arranjo com esse resto irreduzível. Qual o uso na prática analítica do índice do sonho verdade/real? Eric Laurent disse em relação ao sentido “É preciso, primeiro, servir-se dele para, finalmente, prescindir dele”¹. A lógica da experiência analítica leva o analisante a constatar por si mesmo, no umbigo do sonho, o buraco de sentido do real, isso que escapa à ficção do relato do sonho já que a verdade e o sentido não servem de tampão. É aí onde o sujeito suposto saber manobrar do analista lhe permite fazer uso do sonho como índice do real, para além do mesmo como índice de verdade. Pergunto-me, na perspectiva do Um do gozo, quanto à relação e à diferença entre verdade e sentido no fantasma, e ao mesmo tempo, quanto à não— relação entre verdade e real no *sinthome*.

No Seminário XIX, Lacan nos ensina que a verdade não é nada senão essa articulação significativa². Nisso é como o sentido, na medida em que ele faz apelo à interpretação, ao deciframento, à revelação, mas com a bússola do real que interroga a *diz-mansão* (*dit-mension*) lugar do Outro da verdade, da verdade toda. É o que permite reconhecer a estrutura de ficção que tem a verdade, suas afinidades com o semblante, sua *varidade* (*varité*) e a verdade mentirosa que constituem a maneira como tropeçamos a cada vez na não-relação entre o simbólico e o real.

O gozo Um é uma ordem distinta do simbólico na medida em que “o

¹ Laurent, E., “O despertar do sonho ou o esp d’um desp” https://congresoamp2020.com/pt/articulos.php?sec=el-tema&sub=textos-de-orientacion&file=el-tema/textos-de-orientacion/19-09-11_el-despertar-del-sueno-o-el-esp-de-un-sue.html

² Lacan, J., *O seminário, Livro XIX, ...ou pior* (1971-1972), lição maio 1972, Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PAPERS 4 / Un final abierto

Ser é sentido”³, e isso faz com que seja impossível a paridade entre real e sentido, entre verdade e real.

Vou retomar um sonho de meu primeiro testemunho que nos ensina sobre índice de verdade/índice de real. É minha forma pessoal, depois de terminado meu período enquanto AE, de medir o verdadeiro com o real ao seguir passando o passe que está inelutavelmente, como diz Leonardo Gorostiza “ligado ao sentido e ao verdadeiro – e faz passar, ao mesmo tempo, um real”⁴.

“Sonho que minha analista se sinta à beira do divã em que estou deitada e se deixa cair de costas, com todo o peso de seu corpo, sobre minhas pernas. Pernas livres, mãos atadas. As partes do meu corpo afetado pelo traumatismo da *lalíngua* (*lalangue*) e pela devastação materna. Não serão as únicas. Em outra parte do sonho, mostro a meu analista uma Escola em construção. Como em certas tragédias gregas, alguns suplicantes elevam suas vozes às alturas, para um Outro afônico. Nem minha analista nem eu respondemos desde o lugar desse Outro”⁵

Esse sonho-intérprete, três anos antes do final, mostra os esteios fortes do que será a *lógica incarnada*⁶ do meu final de análise. A analista que desperta o sintoma fundamental se deixando cair sobre a parte do corpo afetada pelo *trou-matisme*, buraco de sentido, umbigo do sonho, Um do gozo que itera como letra. Ao mesmo tempo, o inconsciente transferencial e o ato no lugar de um dizer, amarrado ao corpo do analista. Um Outro inconsistente que anuncia o Já-Ninguém do Ser de identificação para o Outro. A solidão do inconsciente real: acordar no meio de lugar nenhum ao não estar no lugar da suplicante, que dá consistência ao Outro da devastação com

3 Miller, J.-A., L'Étre et l'Un, Curso de Orientação Lacaniana III, 13, Curso12, 11 maio 2011, inédito.

4 Gorostiza, L., “Medir lo verdadero con lo real” http://www.eol.org.ar/template.asp?Sec=publicaciones&SubSec=on_line&File=on_line/Leonardo-Gorostiza/2007/07-08-22_Medir-lo-verdadero-con-lo-real.html

5 Giraldo, M.C., « La voz opaca » *Bitácora Lacaniana*, Revista de la Nueva Escuela Lacaniana, Número extraordinario, Grama, Buenos Aires, abril de 2017, p. 51.

6 Gorostiza, L., “Una demostración encarnada”, *Revista Lacaniana*, EOL, Grama, Buenos Aires, No. 22, abril de 2017, p. 81.

PAPERS 4 / Un final aberto

o sentido gozado de seu fantasma. Um Outro silencioso que é índice de real, em vez do heroísmo sacrificial pela verdade, um semblante do ser que cai.

O Fantasma e a verdade mentirosa, com a qual se tece a *hystoria*, servem ao *falasser* para separar-se de Um real. Constata, com as disrupções de Um real, que isso se goza e desperta em luta com a fixação, para voltar a dormir no gozo sentido. É justo esse velar e desvelar a tela do real do gozo o que permite à analisante construir a lógica do fantasma na experiência de sua análise, atravessá-la e tornar legível seu axioma.

O que Lacan nomeia *sinthome* é a consistência das marcas deixadas pelo encontro da lalíngua e do corpo. O *sinthome* “é rebelde ao efeito de sentido, ou seja, não analisável”⁷ daí que seja evento de corpo rebelde ao inconsciente e limite da análise: não há nem revelação, nem representação, nem decifrar, porque o *sinthome* já não quer dizer nada. O gozo opaco do *sinthome* marca o encontro com o gozo Um, com o que será o resto incurável com o qual o *falasser* terá que se arranjar. Uma *torção na voz* é a letra que cifra o gozo Um do meu arranjo *sinthomático* ao deslocar o sentido gozado do fantasma.

Miller nos diz sobre o *sinthome* que « o inscrevemos em um saber (*savoir*), damos-lhe um sentido (*sens*) mas para chegar a um cessar de saber (*dé savoir*) et a um cessar de sentido (*dé-sents*) »⁸, necessita-se da inscrição da letra que cifra o Um do gozo no evento de corpo. Esse ponto neológico está associado ao saber fazer singular com o *sinthome*, à satisfação final.

De sonho em sonho, de despertar em despertar, chegamos à um fin aberto ao incurável, os restos de sintoma e fantasma, indícios de real?

Tradução: Andrea Orabona

Revisão: Maria Rita Guimarães

⁷ Miller, J.-A., *Piezas sueltas*, Buenos Aires, Paidós, 2013, p. 75.

⁸ Miller, J.-A., *L'Étre et l'Un*, *op.cit.*, cours n. 11 – 4/05/2011

Vaivém

Araceli FUENTES - ELP

O inconsciente transferencial, construído a partir da suposição de um sujeito ao saber inconsciente, permite a interpretação do sonho, o achado de um sentido singular. Lacan interpreta o desejo de Freud no “sonho da injeção de Irma” como o desejo de ser perdoado por ter descoberto um novo estatuto do saber, o saber inconsciente, que deu lugar a um discurso inédito¹. O mesmo sonho pode ser, ao mesmo tempo, índice de verdade e índice de real. Na passagem do inconsciente transferencial para o inconsciente real, o sentido e a interpretação do sonho se apagam, aparecendo então fórmulas ou palavras fora do sentido como “trimetilamina”, que é uma letra de gozo do inconsciente de Freud. O “sonho da injeção de Irma” é um índice do real, quando o real atravessa a tela do sonho e a angústia aparece como signo do real que, neste caso, não desperta o sujeito, apesar da terrível visão da garganta de Irma, “descoberta horrível; a carne que jamais se vê, o fundo das coisas, o avesso da face, do rosto, os secretados por excelência, a carne da qual tudo sai, até mesmo o íntimo do mistério, a carne, dado que é sofredora, informe, que sua própria forma é algo que provoca angústia”². Freud não acorda.

Nos sonhos traumáticos, o real desperta o sonhador para que, uma vez acordado, possa continuar sonhando. Para Minna³, a paciente atendida depois dos atentados da Al Qaeda, em 2004, em Madri, o sonho traumático retorna toda noite à cena dantesca na estação de

¹ Cf. Lacan, J., “Saber, ignorância, verdade e gozo”, Em *Estou falando com as paredes*, Rio de Janeiro; Zahar, 2011, p.24: “[...]esse novo estatuto do saber deve acarretar um tipo inteiramente novo de discurso”.

² Lacan, J., *O Seminário, livro II, O eu na teoria de Freud e na técnica psicanalítica (1954-55)*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p. 197.

³ Fuentes, A., “O fio da vida”, Em *Efeitos terapêuticos rápidos em psicanálise. Conversação Clínica com Jacques-Alain Miller em Barcelona*, Instituto do campo freudiano, Belo Horizonte: EBP/Scriptum, 2008, p.18.

trem de Atocha onde, fugindo das bombas, tropeçou no homem “Cristo estendido” que a olhava. Em vez de parar e socorrer o ferido, como lhe ensinou seu pai, saiu fugindo apavorada. Quando chegou à Rede-11-M⁴, Minna estava invadida pela angústia e muito agitada; o pesadelo que se repetia todas as noites a impedia de dormir. Durante o tratamento, o inconsciente transferencial se instaurou, e uma série de sonhos, índices da verdade subjetiva permitiram restituir a trama do sentido inconsciente velando o real traumático. Um tratamento breve, no qual o sujeito pôde, a partir da experiência traumática, separar-se dos ideais nos quais vivia imerso, e que estavam na origem do trauma - como contradição entre um dito e um fato - conforme definiu Jacques-Alain Miller.

Os sonhos dos sujeitos psicóticos, na medida em que concernem ao “inconsciente a céu aberto” no qual o recalque fracassou, mostram um real sem véu. Fabián Fajnwaks, em uma conferência pronunciada recentemente em Madri⁵, falou-nos de um paciente psicótico que sonhava com uma espécie de *alien*. Este sujeito, para quem o feminino e a abordagem do corpo de sua mulher produziam horror, colocava um limite às relações com ela, pois caso contrário, o risco que corria era de ter a presença desse *alien* real, que, neste caso, era consequência da forclusão da castração.

Na neurose a passagem do inconsciente transferencial para o inconsciente real se produz quando “[...] o espaço de um lapso [...] já não tem nenhum impacto de sentido (ou interpretação), só então temos certeza de estar no inconsciente. O que se sabe, consigo”⁶. O analisante experimenta a hiância existente entre verdade e real: ele corre atrás da verdade, mas falha porque nunca a encontra toda e, por outro lado, experimenta as modalidades de gozo que, como

⁴ Rede assistencial criada pela ELP no município de Madri para atender aos afetados pelos atentados do Al Qaeda perpetrados na estação de trens Atocha de Madrid, no 11 de março de 2004.

⁵ Fajnwaks, F., *El sueño en la perspectiva de la una-equivocación: del inconsciente a cielo abierto al inconsciente real*, conferencia pronunciada el 15/03/2019 en la sede de Madrid de la ELP, en el ciclo Noches de la Escuela hacia Pipol 9, ([disponível na internet](#)).

⁶ Lacan, J., “Prefácio à edição inglesa do Seminário 11”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p.567.

acontecimentos de corpo fora do sentido, são impossíveis de subjetivar.

O sonho como unidade semântica, é a via régia para o inconsciente freudiano; o sonho é o testemunho de uma atividade psíquica diferente daquela da consciência. Contudo, para Lacan, o lapso - dizer uma palavra no lugar da outra -, tem certo privilégio em relação ao sonho porque o lapso se situa por completo no nível da *moterialidade*⁷ do inconsciente real – *lalíngua*. Para Lacan, é no lapso que o saber falado de *lalíngua* se revela como *une bévue* - um equívoco -, que presentifica, de forma pura, o inconsciente real.

Os AE trazem, nos seus testemunhos, sonhos que foram produzidos no final da análise uma vez que o sujeito dirimiu sua questão com o Outro. São sonhos que dão conta da passagem do Outro ao Um do gozo. No “alívio da voz”⁸, a analisante sonha que está na porta do consultório de sua analista, e a analista está limpando os restos de um duelo⁹; a analisante lhe diz: “vou me apresentar ao passe”, e a analista responde: “o que há de alívio da voz?”. A analisante concluiu sua análise sem ter resolvido o enigma que é para ela “o alívio da voz”. Um tempo depois, transforma a pergunta em afirmação: “Há o alívio da voz”. Lembra-se da experiência vivenciada de vez em quando, de um impulso a dizer que atravessa seu corpo. Com isto construirá um “saber fazer” na sua transmissão na Escola.

A hiância existente entre verdade e real é ineliminável, mas isto não implica que tenha que escolher entre o inconsciente como verdade e o inconsciente real; não há análise sem *historisterização* do sujeito e não há amizade possível com o inconsciente real, pois basta prestar atenção para sair dele. Na diacronia, o real está no final do processo, tanto no final da sessão como no final da análise, de modo que funciona como limite e ponto de basta da verdade mentirosa, com a queda do sentido. Na sincronia, real e verdade estão enlaçados, o

⁷ Neologismo construído a partir da homofonia em francês entre *mot* (palavra) e *materialité* (materialidade).

⁸ Fuentes, A., *El misterio del cuerpo hablante*, Gedisa, Barcelona, 2016, p. 183.

⁹ N.T. Em espanhol, “duelo” tem um significado duplo: o duelo como em português, no sentido de um combate, mas também significa luto (substantivo) em português.

que exclui que seja possível sair da verdade completamente. O discurso analítico põe a verdade no seu lugar, mas não se livra dela. Ela é reduzida, mas continua indispensável¹⁰. Assim, lemos no "Prefácio": "Por que, sendo assim, não submeter essa profissão [a do psicanalista] à prova da verdade com que sonha a chamada função inconsciente, na qual ela fuxica?"¹¹. Ao mesmo tempo em que Lacan afirma que o inconsciente é real, ele reitera a ideia de que o passe consiste em testemunhar sobre a verdade mentirosa ¹².

Tradução: Glacy Gonzales Gorski

Revisão: Teresinha N. Meirelles do Prado

¹⁰ Cf. Lacan, J., *O Seminário, Livro XX: Mais, ainda (1972-73)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p. 147.

¹¹ Lacan, J., "Prefácio à edição inglesa do Seminário 11", *op. cit.*, p.568.

¹² Cf. *Ibid.*, p. 569.

Sonho, verdade e real

Silvia MORRONE - SLP

Lacan se interessará pelo enlace entre o real e o verdadeiro ao longo de todo seu ensino,

a partir de diferentes perspectivas.

No texto *A coisa freudiana ou o sentido do retorno a Freud em psicanálise*, considera a descoberta da potência de uma verdade inconsciente no coração da prática psicanalítica. O retorno a Freud, no Lacan daqueles anos, visa destacar que a verdade que se trata de alcançar não passa pelo pensamento, mas "(...) através das coisas: rébus, é por meio dele que me comunico, como o formula Freud no fim do primeiro parágrafo do sexto capítulo, dedicado ao trabalho do sonho, de seu trabalho sobre o sonho e sobre o que o sonho quer dizer."¹ "Eu, a verdade, falo (...) isso fala, e sem dúvida o faz onde menos seria de se esperar, ali onde isso sofre."²

São anos em que a psicanálise pós-freudiana atribui ao *cogito* o valor e também o poder de dizer a "última" palavra, a verdade, com a pretensão de considerá-lo o que funda "para o sujeito um certo ancoramento no ser, o qual sustentamos constituir o sujeito da ciência."³ Tomar assim a verdade tem efeitos, inclusive sobre a finalidade de um tratamento: chegar à última palavra que diria a verdade sobre um sujeito, enquanto na psicanálise, a verdade é sempre mentirosa, um semi-dizer, não-toda.

Esta abordagem desconsiderou completamente a subversão promovida por Freud que, por meio da valorização das formações do inconsciente e de sua relação com o sintoma analítico, indicou a via régia da verdade do próprio sujeito no campo do sem-sentido e,

¹Lacan, J., *A coisa freudiana ou o sentido do retorno a Freud em psicanálise*. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998, p. 411-412.

²Ibid., p. 410 e 414.

³Lacan J., *A ciência e a verdade*. In *Escritos*. p. 870.

PAPERS 4 / Sonho, verdade e real

portanto, no lapso, no ato falho, no sonho, enfim em "(...) uma palavra sem pé, nem cabeça e nem cauda."⁴

A verdade, diz Lacan, não só não é de fácil acesso, como "(...) levanta vôo no momento mesmo em que vocês não queriam mais capturá-la."⁵ . Uma indicação muito importante para os psicanalistas e para sua implicação nos tratamentos, é o que Jacques-Alain Miller destaca como "a flexibilidade na transferência"⁶ . Durante o tratamento, o estilo dos sonhos se modifica: "(...) como observamos no começo de uma análise, os sonhos que emergem como signo de que alguma coisa começa a ser comovida. Em alguns sujeitos, para quem o sonho é indício essencial de sua verdade, vemos o estilo dos sonhos se modificar durante o tratamento."⁷

Podemos dizer que no início de uma análise o saber que se produz por meio dos sonhos reenvia a algo da ordem da decifração, do conhecimento do lugar exato onde deve-se buscá-la. Ao sonho "(...) uma verdade é suposta estar, é suposta estar presente, mas dissimulada (...) E essa verdade se deixa traduzir. Uma vez revelada e traduzida ela parece ser a do desejo.(...) É ai que se exerce, por excelência, a interpretação"⁸

Mas a função do analista não é a de sustentar a ilusão de que exista um saber que possa fazer Um e que possa permitir alcançar uma boa forma de satisfação. Esta se dirige, antes de mais nada, ao fato de que "(...) nenhuma evocação da verdade pode ser feita se não for para indicar que ela só é acessível por um semi-dizer, que ela não pode ser inteiramente dita porque, para além de sua metade, não há nada a dizer. Tudo que se pode dizer é isto."⁹ Como já alertava

⁴Lacan J., *O seminário*, livro XVII – *O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1992, p. 54.

⁵Ibidem.

⁶Miller, J.-A., (2010-2011) *Curso de Orientação Lacaniana III*. O ser e o Um. Cap VI. Lição de 9 de março de 2011. Inédito.

⁷Ibidem

⁸Ibid., cap XIV, Lição de 25 de maio de 2011. Inédito

⁹Lacan J., *O seminário*, livro XVII – *O avesso da psicanálise*. Op. cit., p. 49

PAPERS 4 / Sonho, verdade e real

Lacan, em *O avesso da psicanálise*, a verdade é irmã do gozo, esta o designa, ao mesmo tempo em que o mascara.

A propósito do caso de uma jovem, J.-A. Miller diz: “Depois, tomando gosto em reportar esses sonhos, a partir de um elemento que pôde ser extraído, que pude agarrar, nós dois assistimos, do mesmo lado, no que concerne a coisa, como diz Lacan, a maneira como o sonho mudava de estilo”¹⁰.

Para destacar o que foi enunciado por Miller em relação ao fato de que, no tratamento analisante e analista encontram-se do mesmo lado em relação à Coisa – no sentido de que em uma análise, verdade e real não estão em oposição –, retomo algumas escansões do testemunho de passe de Gian Francesco Arzente¹¹.

O sujeito se precipita assim quando se dirige pela primeira vez à analista: “ (...) disse à analista que havia mentido como a todas as outras mulheres, porque aquele era meu modo de dizer a verdade. ‘Bem-vinda a sua verdade!’ me disse, concluindo a primeira sessão”. A intervenção da analista vai no ponto e o sujeito volta na sessão seguinte com um sonho: “Em um grande salão do sec XVII, sobre um brilhante piso de mármore rosa, dançava com a analista uma valsa (*walser*) animada 1, 2, 3”, que define ao longo de toda a duração do tratamento a escansão das sessões.

Um sonho infantil recorrente ilumina a posição do sujeito na dinâmica familiar: “detenho-me ao colocar-me a salvo” durante um terremoto e “me dou conta de que todos já tinham ido embora. Ninguém tinha esperado por mim”. O efeito desta recusa do familiar tem repercussões sobre o sujeito, repercussões no corpo, em pedaços de corpo que se desgastam e se rompem. “Então recolheu porque faz seu trabalho. Cuidar das relações que se desgastam. Um dia também poderá cuidar de seus pais”, é a intervenção da analista.

Um outro sonho que prenuncia uma queda mortal encontra solução graças ao apelo ao significante que se faz letra, como interpreta a

¹⁰Miller, J.-A., (2010-2011) Curso de Orientação Lacaniana III. O ser e o Um. Cap VI. Lição de 9 de março de 2011. Inédito.

¹¹Arzente G.F., Un giocatore di polo a cavallo, In: *Attualità Lacaniana*, 25, 2019, pp. 231-239.

PAPERS 4 / Sonho, verdade e real

analista: "(...) As palavras se desenodam em letras e se recompõem sem sentido, formando ao longo da fachada da casa, uma espécie de escada com apoio, graças à qual agora posso sair sem cair".

Destaca-se, por meio dos sonhos que emergem durante o tratamento, um diferente estatuto da verdade, a partir de uma nova relação com o inconsciente real, do qual o sonho da testemunho e ainda, diz, Arzente, "um novo amor" em direção ao objeto dejetivo que representa a verdade de cada sujeito.

Tradução: Andrea Vilanova

Revisão : Marcia Zucchi

Cadeia e série de sonhos

Luc VANDER VENNET - NLS

Em 2008, J.-A. Miller propôs "que um inconsciente analisado ... faz com que sonhemos de outra forma ..."¹. O desafio do passe é de recrutar analistas com base nessa modificação das emergências do inconsciente. Os relatórios dos cartéis do passe testemunham que os sonhos conclusivos são convincentes somente quando "o inconsciente não tem o mesmo rosto"² e quando eles "destacam um corte com relação ao material antigo."³ Proponho a hipótese de que O sonho do fim não existe. Os testemunhos falam de séries de sonhos conclusivos. Essa série, "que implica um despertar"⁴, continua no ultrapasado e se distingue da cadeia dos sonhos "que é feita no modelo do efeito da verdade"⁵, articulado na cura.

Recentemente, ouvimos em Gante, durante uma jornada da NLS⁶, testemunhos esclarecedores sobre esse ponto. Vou transmitir alguns ecos para tornar este texto uma verdadeira contribuição da NLS.

D. Holvoet testemunhou de um sonho recorrente em torno da figura de um Buda. As transformações desse sonho formam uma cadeia articulada que traz à tona a verdade mentirosa de um gozo fantasmático⁷. No final da análise - e muito tempo após o seu passe -

¹ Miller J.-A., *Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos de Lacan. Entre desejo e gozo*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2011, p. 36

² Guéguen P.-G., "Portrait de l'inconscient dans les cures de 2015", *Hebdo Blog*, n 57, 24 janvier 2016.

³ Cottet S., "Rapport conclusif du cartel 1" *La Cause freudienne*, n 75, juillet 2010, p. 98.

⁴ Miller J.-A., "A Orientação Lacaniana. O Ser e o Um" (2010-2011), ensino proferido no departamento de psicanálise da Universidade Paris VIII, aula de 25 maio 2011, inédito.

⁵ Ibidem.

⁶ *Vers le congrès 2020 de la NLS, Avant-première. La passe dans notre Ecole. L'interprétation enconre, Gand, 29 septembre 2019.*

⁷ Holvoet, D., "C'est arrché!", *La Cause du désir*, n 93, septembre 2016.

PAPERS 4 / Cadeia e série de sonhos

opõe-se a isso uma série de sonhos de uma auto-extração de dentes dentro da boca. Desabonada das ficções, esta série é uma série de despertares que aproxima ao máximo um real, um buraco onde toda representação falta.

"É certo", diz Lacan, "que é da maneira como a língua foi falada e compreendida em sua particularidade, que algo surgirá nos sonhos ..." ⁸ No testemunho de D. Cosenza, a memória de uma palavra da mãe que evoca uma queda antes de seu nascimento e a morte de uma criança que teria seu primeiro nome, encontra seu alcance apenas no final da análise, depois de um sonho despido de significado: "a terra treme , e eu, caio ". Esse sonho lhe permitiu de ouvir o tremor da *lalangue* nele. "Esse *motérialisme* ⁹ no qual reside a captura do inconsciente" ¹⁰ ilumina a base real das construções da verdade em torno das quedas sintomáticas e do fantasma de salvar o Outro da queda ¹¹. O sonho provoca um despertar e permite a apreensão de um singular "...é isso" ¹².

Anne Béraud apresentou uma série de sonhos que não relançam mais a busca do sentido. Ela centraliza um ponto, a cicatriz de uma *mordida* no umbigo, a escrita da marca do Outro, de sua entrada na vida, no corpo. Quando criança, ela fora esquecida pela mãe na varanda. Podia-se ouvi-la gritar de longe. Esse "grito de aflição sem Outro" ¹³- na "raiz da linguagem", "onde o *falasser* encontra-se excluído de sua própria origem" ¹⁴- encontra sua nomeação nesta série: "morda (*mordre*) a vida, seja mordido (*mordu*) e não desista

⁸Lacan, J., "Conferência em Genebra sobre o sintoma", *Opção Lacaniana, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, n°23, 1998, São Paulo: Eolia, p.6-16.

⁹ Condensação de *mot* (palavra) e *materialisme* (materialismo).

¹⁰Idem, p.10

¹¹Cosenza, D., "La chute dans une analyse", *La Cause du désir*, mars 2018, n 98, p. 165-175.

¹² Miller, J.-A., *Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos de Lacan. Entre desejo e gozo*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2011, p.35.

¹³ Béraud, A., "L'amour de l'amour", *La Cause du désir*, n 101, mars 2019, p. 127.

¹⁴ Lacan, J., "O umbigo do sonho é um furo – Resposta a uma pergunta de Marcel Ritter", *Opção lacaniana* n. 82, abril 2020, São Paulo, Eolia, p. 14.

PAPERS 4 / Cadeia e série de sonhos

(demordre)". Um gozo que desfilava na cadeia de sonhos que construía sua janela no mundo - sua demanda devoradora e sua implacável relação com o Outro de quem ela foi o objeto rejeitado – se encontra contido e limitado. O resultado é um saber-fazer *sinthomático* com este irresolúvel.

G. Wajcman¹⁵ fala das séries como uma nova forma que não é mais uma *fábrica da história*, mas uma *máquina que abre os olhos*. As séries formam uma série de pequenas janelas que se abrem para um real. Os testemunhos de passe revelam essa mesma oposição em relação aos sonhos. Se todo sonho é um pesadelo que gira em torno de um buraco¹⁶, existem cadeias de sonhos que cobrem esse buraco através de uma janela para o mundo. Essa tela que protege do real tem vários nomes: sentido, fantasma, verdade mentirosa, ficção. Os AE nos mostram que é possível prescindir dos sonhos-interpretação para servir-se os sonhos de outra maneira. Os sonhos no final de uma análise abrem uma série de pequenas janelas que não se articulam mais, mas formam "breves lampejos de lucidez ao despertar"¹⁷. Não paramos de sonhar, mas podemos fazer outro uso do sonho para articular um acontecimento de corpo, para limitar um gozo, cercar um real, para advertir e assim não cair no delírio, "para permanecer acordado quanto possível"¹⁸, afirmou V. Voruz. E, é claro, como um instrumento para transmitir uma parte do real que "deve ser demonstrável"¹⁹ ao serviço da psicanálise.

Tradução: Ana de Melo

Revisão: Andrea Orabona

Pesquisa de citações bibliográficas: Marcia Zucchi, Ângela Bernardes

¹⁵ Cf. Wajcman G., *Les séries, le monde, la crise, les femmes*, Lagrasse, Edition Verdier, 2018.

¹⁶ Lacan, J., *O seminário, livro XXIII, O Sinthoma (1975 – 1976)*, texto estabelecido por J. A. Miller, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

¹⁷ Lacan, J., *O Seminário, livro XXII "RSI"*, aula de 11 de fevereiro de 1975, inédito.

¹⁸ Voruz V., *"Notre capital agalmatique"*, intervention à Gand, 29 septembre 2019, inédit.

¹⁹ Lacan, J. "O umbigo do sonho é um furo – Resposta a uma pergunta de Marcel Ritter", *Opção lacaniana* n. 82, abril 2020, São Paulo, Eolia.

Da decifração à letra, o caminho do sonho na análise

Laurent DUPONT - ECF

« No primeiro sonho, feito em torno dos quatro anos, uma abertura fugaz do inconsciente libera o significante a partir do qual se organiza meu devir de sujeito. Esse significante- isolado e por isso mesmo fora do sentido - permaneceu indelével em minha memória, enigmático por décadas, o que não o impediu de ser ativamente causa de gozo ¹, mas claro, sem que eu soubesse. ²» Sem dizer de qual significante se trata, Marta Serra afirma a função de traço « enigmático por décadas». Depois de um longo tempo de análise, esse sonho retorna como um sonho a ser interpretado, como uma produção do inconsciente nisso que ele tem de determinante: « significante a partir do qual se organiza meu devir de sujeito », fazendo eco ao que diz J.-A. Miller em « O osso de uma análise » : significantes com o valor de destino.

Os sonhos, então, tomariam seu estatuto de sonhos que interpretam o inconsciente somente quando se atribui a eles esse estatuto, ou seja, no tratamento. Mas o traço que eles podem deixar se inscreve no corpo pela potência mesma do significante. Se o sonho é traço fora do sentido no corpo vivo, o trabalho de análise pode permitir o surgimento de uma significação: S₂. Desde o início, os dois estatutos do inconsciente, real e transferencial, são encontrados na interpretação dos sonhos. O sonho muda de estatuto em função do sonhador. O sonho pode ser efeito de verdade e índice do real ³.

¹Lacan J., *O seminário*, livro 20, *mais, ainda*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p. 36.

² Serra Fediani M., « Un rêve c'est un réveil qui commence », *Quarto*, n°123, novembre 2019, p.91.

³Miller J.-A., « A orientação lacaniana, O Um sozinho », ensino pronunciado no quadro do departamento de psicanálise da Universidade de Paris VIII , curso de 25 de maio de 2011, inédito.

Clotilde Leguil, apresenta outro aspecto do sonho: «*Eu tinha acabado de ser nomeada passadora e sonhei que o analista estava olhando na minha boca e cortando pedaços de língua. Eu me encontrei com os pedaços de língua na mão e me perguntei como eu ainda seria capaz de beijar e falar. Finalmente, percebi que ainda podia falar. Quando saí, joguei os pedaços de língua que mantinha na mão no lixo*». Fim do sonho. No momento, percebi esse sonho como se referindo a algo da ordem de uma separação com uma certa relação com a fala. Mas o analista apontou que ter a língua cortada também era abordar o que eu não podia dizer.⁴ » C. Leguil acrescenta: este sonho foi um choque elétrico. Efeito do sonho no corpo e produção de um efeito da verdade que ela interpreta como uma separação de uma certa relação com a fala. O analista não fecha o sonho com essa interpretação, ele abre para um indizível: "o que eu não podia dizer". C. Leguil vai então abordar na análise: «*minha relação à feminilidade na vertente do gozo* ⁵». Um movimento se dá: o sonho tem um efeito no corpo (impressão do sonho), ocorre, então, o surgimento de um sentido novo, efeito de verdade. A operação do analista abre para mais além do sentido. Dependendo do ponto onde está o sonhador em sua análise, ele vai associar a isso ou àquilo. O desejo do analista será manter, na interpretação do sonho, não um empuxo ao sentido, mas o horizonte do mais singular do sujeito. Isso implica não se deixar « enganar pelo brilho da significação ⁶».

Encontramos no passe esse duplo estatuto do sonho. Por um lado, o AE deve ser capaz de testemunhar o efeito de verdade do sonho. É o passe do « o que isso quer dizer ? levado à incandescência. ⁷», passe da *historisterização* ⁸, do saber sobre a verdade mentirosa : « Deixei-o [o passe] à disposição daqueles que se arriscam a testemunhar da

⁴Leguil C., « Rêve, rivage, dénouement », *Quarto*, n°123, p.98.

⁵*Ibid.*

⁶*Ibid.*, cours du 23 mars 2011.

⁷ Miller J.-A., « O passe do falasser », *Opção lacaniana: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*. São Paulo, n.º 58, out. 2010, p.33.

⁸Lacan J., « Prefacio à edição inglesa do Seminário XI », *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003, p. 569.

melhor maneira possível sobre a verdade mentirosa ⁹». O sonho, via régia do inconsciente, é um empuxo ao efeito de verdade. Por outro lado, temos o eletrochoque incluído no sonho, a marcação do corpo que se lê *o que isso satisfaz ?* e leva a um *é isso*, diz J.-A. Miller. Redução à uma letra : O (C. Leguil) ; ponto de costura (Anne Béraud) ; papéis para escrever (Bénédicte Julien) ; um dizer (M. Serra). Um dizer, onde não se pode dizer porque, nesta zona, o sonho aponta para um real.

A travessia da fantasia opera, então, um esvaziamento do sonho? A. Béraud testemunha desta forma: « A mordida pode ser lida no primeiro sonho como morte certa: não há Outro e a única coisa da qual podemos ter certeza é a morte. Matriz arrancada. Sou mordida no umbigo ¹⁰, lugar do recalque primordial, enodamento da vida e da morte, furo que é o limite da análise. ¹¹. Desta vez é a cicatriz, a garra, o traço, a inscrição, o ponto de costura como uma escrita, ao nível do umbigo. Este sonho circunscreve um real: a marca do Outro, da minha entrada na vida, marca do significante no corpo. Da demanda devoradora do início, o objeto oral, causa de desejo, mudou seu uso : mordendo na vida, sendo mordido - apaixonado - e não cedendo (*démordre*). O significante *mordida*, como chave do sinthoma, costurou meu estilo ¹²» Retomando Lacan, eu diria que há função de « *ça-voir* »¹³ : a interpretação não é mais da verdade, mas do saber (*ça-voir*) do analisante. « *Ça-voir* » consoante com a dimensão dodespertar .

Esse despertar tem duas consequências. Serra e Julien testemunham isso. Para Serra: "Houve em ambos os sonhos um momento de

⁹ Lacan J., « Joyce o sintoma », 1976, *Outros Escritos*, op. cit., p.569.

¹⁰O umbigo é o ponto onde o sonho é insondável, onde estanca toda a possibilidade de sentido ; o ponto em que se relaciona com o desconhecido. Cf. Freud S., *A interpretação dos Sonhos* Rio de Janeiro, Imago, 1972 p. 119 (vol.IV) e 560 (vol.V)

¹¹ Lacan J., *Lettres de l'École freudienne*, n°18, 1976.

¹²Béraud A., « La morsure », *Quarto*, n°123, novembre 2019, p.88.

¹³Nota do tradutor : « *ça-voir* » é homofônico a « *savoir* », «saber».

despertar - fugaz - que então continuou com o sonho de despertar¹⁴, em que todos os *parlêtres* vivem. Mas, no meio, um ganho, meu sonho de ser despertada diariamente agora é um sonho advertido, eu sei que é apenas um sonho. ¹⁵». Ouvimos a proposição de Lacan em 1978 : «É sobre isso que Freud caminhou. Ele considerou que nada é apenas um sonho, e que todo mundo (se podemos dizer tal expressão), todo mundo é louco, ou seja, delirante. ¹⁶» B. Julien, diz isso de outra forma: "Meu último sonho me mostra, mais uma vez, que esse gozo auto-erótico da fala é o que me separa do Outro, especialmente quando é silenciado. Ele não me assusta mais, e eu retiro meus pequenos pedaços de palavras da boca sem angústia ou precipitação ... mas é sempre algo a ser feito, regularmente, para deixar um espaço e uma chance para o encontro inesperado. ¹⁷». Esse «sempre a ser feito » é para ser colocado em perspectiva com o que diz Serra : « E, assim, continuar minha tarefa de analisante com a Escola Una como parceira. ¹⁸» Se algo estanca ou se purifica, algo será sempre à recomeçar ou à prosseguir.

Após o passe, o sonho continua sendo um produtor de efeito de sentido, mas também é índice do real desde que o sonhador esteja advertido disso. A travessia da fantasia não é uma garantia, ela testemunha, sobretudo, de uma perturbação encontrada além da satisfação, de um despertar, como o diz J.-A. Miller ¹⁹, nova satisfação. O *ça-voir* permite que se esteja advertido, desperto em seu sonho. O sonho interpreta. Ele interpreta o inconsciente que é

¹⁴ Lacan J., *O Seminário livro 20 , mais, ainda*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p.76: « (...)quando acontece no sonho de alguma coisa que ameaçaria passar ao real , isso os enlouquece de tal maneira que imediatamente eles acordam, quer dizer, continuam a sonhar » ; Millot C., *L'Âne*, 1981, n° 3, p. 3 : « [...]mesmo no despertar absoluto, ainda há uma parte do sonho que é precisamente um sonho de despertar. Nunca se desperta : os desejos mantêm os sonhos.».

¹⁵ Serra Fediani M., « Un rêve c'est un réveil qui commence », *op.cit*, p.91.

¹⁶ Lacan J., « Lacan pour Vincennes », *Ornicar ?*, n°17-18, 1979, p. 278.

¹⁷ Julien B., « Sortir les mots de la bouche », *Quarto*, *op.cit*, p.95.

¹⁸ Serra Fediani M., « « Un rêve c'est un réveil qui commence », *op.cit*, p.91.

¹⁹ « sonho que [...] pede um despertar que não se baseia no efeito verdade ».

PAPERS 4 / Da decifração à letra, o caminho do sonho na análise

apenas o golpe de S1 que marcou o corpo para fazer traço. Todo sonho é ficção e também testemunha desta mordida inicial do significante. É nessa circunstância que o sonho desperta. O ponto onde se está na própria análise permite sabê-lo [*ça-voir*], experimentá-lo.

Traduzido do francês por Marcia Zucchi

Revisão : Paula Galhardo Cepil

O sonho de fim, via de acesso ao real

Clotilde LEGUIL - AE

O final de uma análise se parece com uma história que fracassa em concluir. Como encontrar a saída quando o final da história de nosso sintoma é impossível de encontrar? Como se orientar quando nem o sentido, nem a verdade, não dão mais nenhuma orientação, ou até mesmo acabam rasurando qualquer direção de modo que a história se torna ilegível? Por onde passar para encontrar o fio que permitirá concluir, que permitirá ler o sintoma como uma inscrição que não pertence mais à nenhuma história?

O sonho, na medida em que antecede o sonhador, é, algumas vezes, o lugar no qual se diz o fim antes mesmo que o sujeito possa falar dele. Um sonho de fim é um sonho que, em vez de ser uma via real de acesso ao desejo, é uma via secreta de acesso ao real. Ao mesmo tempo em que o sonho mostra o que o sujeito não pode dizer, ele lhe indica o lugar do real do sintoma enquanto o que não é da ordem simbólica, enquanto irrepresentável. Conforme Eric Laurent: “O sonho constrói uma história, mas no final, não consegue dar-lhe um desfecho. Há sempre um ponto irrepresentável, o *Unerkannt*, que escapa ao poder da narração”¹.

A história do começo, aquela da qual se pôde fazer uma narrativa, graças à análise; a história de seu sofrimento, de seus defeitos e falhas, esta história é levada a dar à luz a outra coisa. Uma vez percebido o caráter infinito do sentido e a busca da verdade última, o analisante, ao esgotar o registro de sua história, é confrontado com um núcleo do sintoma que escapa ao poder da narração. Esse resto remete ao recalçado primordial que “não pode ser dito de modo algum”, é um núcleo “na raiz da linguagem”²

¹ Laurent E., « La passe, un pari contre le sujet supposé savoir », *Quarto* 96, p. 33.

² Lacan, J., O umbigo do sonho é um furo – resposta a uma pergunta de Marcel Ritter. *Opção Lacaniana*, 82 (no prelo).

PAPERS 4 / O sonho de fim, via de acesso ao real

O ponto de umbigo, eu o encontrei no fundo de um buraco – a boca de um bueiro em uma cidade estrangeira –, que surgiu em um sonho de fim, antes que eu entendesse a que ele se referia. O enunciado “Eu estou aqui” foi como uma conclusão da ordem do “*Wo es war, soll Ich werden*”. Era ali que acontecia – ali onde mais nenhuma palavra podia dizer a perda – impossível de ir mais longe na história. O “Eu” do final não era mais aquele do desejo, mas o do gozo experimentando no corpo a perda como cicatriz do *Unerkannt* – cicatriz do que sempre escapará ao poder da narração. A marca desse buraco no sonho era essa boca de bueiro onde uma menina havia caído e, em seguida, havia sido encontrada.

Lacan diz, acerca do *fallasser*, que ele se encontra “excluído de sua própria origem” e que “a audácia de Freud” foi de “dizer que a marca disto está em algum lugar no próprio sonho”³. Eis como a história do sintoma pode encontrar um modo de se concluir. Quando um sonho dá acesso a esse ponto onde a própria origem surge como a marca do que foi perdido, cicatriz que indica “um lugar no corpo que faz nó”⁴, então o fim se desenha. Ele se esboça, anuncia-se, nas entrelinhas, entre as letras; às vezes até mesmo entre os números.

Tradução: Teresinha N. M. Prado.

Revisão: Bruna Meller.

³ Idem, *ibidem*.

⁴ Idem, *ibidem*.